


ENTREVISTA COM A PROFESSORA EMÍLIA DE RODAT FERNANDES MOREIRA: UMA CELEBRAÇÃO AOS 25 ANOS DO LOGEPA

INTERVIEW WITH PROFESSOR EMÍLIA DE RODAT FERNANDES MOREIRA: A CELEBRATION OF LOGEPA'S 25 YEARS

Emília de Rodat Fernandes Moreira

Doutora em Geografia. Professora Aposentada do Departamento de Geociências
da Universidade Federal da Paraíba

Email: erodat@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-9811-3043>

RESUMO

A presente entrevista foi realizada em ocasião da comemoração de 25 anos do LOGEPA (Laboratório e Oficina de Geografia da Paraíba), fundado pela Professora Emília de Rodat Fernandes Moreira, no Departamento de Geociências da Universidade Federal da Paraíba. A referida atividade foi veiculada no Canal do GENAT (Grupo de Pesquisa em Geomorfologia e Gestão dos Riscos Naturais) no YouTube, por intermédio do Professor Saulo Roberto de Oliveira Vital. Na oportunidade, a Professora Emília tratou sobre sua trajetória acadêmica, destacando como se deu o processo de fundação do LOGEPA.

Palavras-chaves: Entrevista; Emília de Rodat; LOGEPA.

ABSTRACT

This interview was carried out on the occasion of the celebration of 25 years of LOGEPA (Laboratory and Workshop of Geography of Paraíba), founded by Professor Emília de Rodat Fernandes Moreira, in the Department of Geosciences of the Federal University of Paraíba. This activity was broadcast on the GENAT Channel (Geomorphology and Natural Risk Management Research Group) on YouTube, through Professor Saulo Roberto de Oliveira Vital. On this occasion, Professor Emília discussed her academic career, highlighting how the LOGEPA founding process took place.

Keywords: Interview; Emília de Rodat; LOGEPA.

ENTREVISTA

Saulo Vital: Boa noite a todos e todas. É com grande alegria que estamos aqui, dando início a mais um podcast do GENAT, podcast 19. E hoje, nós temos a honra de receber a professora Emília de Rodat Fernandes Moreira. A professora Emília possui graduação em Geografia pela Universidade

Federal da Paraíba. Também fez mestrado na Universidade de Paris I e doutorado em Estudos da América Latina na Universidade de Paris III, em Sorbonne. Ela tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Agrária, Geografia do Trabalho, trabalho da saúde, atuando principalmente nos temas luta pela terra, reforma agrária, assentamentos rurais e uma série de outros temas relacionados à geografia agrária. Também atua no tema Geografia da Paraíba e Geografia do Nordeste. Atualmente é professora aposentada do Departamento de Geociências da Universidade Federal da Paraíba. Atuou aqui durante vários anos. Inclusive, eu tive a honra de ser aluno da professora Emília na cadeira de Geografia da Paraíba, da qual eu tenho lembranças muito felizes de uma disciplina que nós pagamos com uma professora que era muito dedicada, muito apaixonada pelo que faz. Lembrando que este podcast está sendo realizado em parceria com o LOGEPA (Laboratório e Oficina de Geografia da Paraíba). O LOGEPA, que foi fundado pela professora Emília, há 25 anos, no Departamento de Geociências da UFPB. Esse Podcast está sendo realizado, também, a pedido do Professor Joel, que é o atual Coordenador do LOGEPA. Desse modo, é com muita alegria que estamos realizando esse Podcast 19 do GENAT, em comemoração aos 25 anos do LOGEPA, recebendo aqui a professora Emília Moreira. Então, professora, eu vou iniciar esse podcast, deixando esse momento inicial para que a senhora possa saudar os nossos espectadores e telenautas, e, também, possa começar responder a nossa primeira pergunta, que é a seguinte: Como surgiu a ideia de criar o LOGEPA? E como foi o processo inicial de fundação desse importante laboratório do nosso departamento e da Universidade Federal da Paraíba? Então, seja muito bem-vinda e fique à vontade.

Emília de Rodat: Para vocês, meu muito obrigada pelo convite. É uma honra estar aqui com vocês hoje. Agradeço, também, a todos que visitarem e assistirem a esta live. Me sinto realmente muito feliz de estar aqui para contar um pouco de uma história que não foi fácil, que foi difícil, num momento, também, que a universidade não tinha recursos, e que a gente sonhava em realizar coisas, embora muitos fizessem resistência a esse processo. A ideia de fazer o LOGEPA não iniciou como ideia de laboratório. Fui visitar, lá na Igreja de São Francisco, o Museu de São Francisco, que foi criado por Padre Hernande, que morreu recentemente devido a COVID-19. E lá, tinha uma maquete do Estado da Paraíba. Uma maquete sem precisão, porque era bem simples, mas representada o estado, e eu fiquei encantada. E eu cheguei a fazer uma maquete dessa para o departamento. Agora, quis ver se conseguiria fazer cartograficamente, próxima da realidade. E aí, surgiu essa ideia. A partir de então, fiz um projeto de extensão para procurar recursos, para conseguir fazer essa maquete. Porque, quando eu fui levantar os preços do material, era muito caro.

Na ocasião, a única pessoa que fazia esse tipo de maquete, era a professora Vanda Regis. Ela fazia as maquetes pequenas na sala de aula, e eu fiquei encantada com a metodologia que ela estava usando.

Então, eu adotei essa metodologia através desse projeto de extensão, para fazer uma Maquete do Estado da Paraíba. Não sabia eu para quê, inicialmente. O projeto foi aprovado, com recursos para comprar umas folhas de isopor e cola. Além de dois bolsistas que eu escolhi, que foi o Jaldes, da arquitetura, e o Luciano, que tinha feito a disciplina de Cartografia com Vanda, e que dominava a técnica de fazer esse tipo maquete. Além disso, convidei um funcionário do departamento, que era o Chico. O Francisco se prontificou para me ajudar. Ele também disse que sabia fazer alguma coisa nessa área. Então, a gente começou. A minha ideia inicial foi uma loucura, porque eu comecei tentando fazer a maquete a partir do mapa do Brasil ao milionésimo, ampliando para a escala de 1:100.000.

Fizemos isso porque o mapa do Brasil ao milionésimo abrangia todo o estado, enquanto as cartas da SUDENE (Superintendência de Desenvolvimento da Região Nordeste) não tinham a parte central do Estado da Paraíba, que cobria exatamente o Planalto da Borborema. Então, achei que fazendo uma ampliação da escala do mapa do Brasil a um milionésimo, seria possível fazer uma melhor maquete da Paraíba. Na ocasião, fui para Recife, pois a gente não tinha copiadoras capazes de fazer ampliações por escala. Desse modo, fiz a ampliação por escala dessa primeira maquete, no primeiro mapa. Trouxe para cá e a gente começou a fazer a maquete. Quando estávamos quase na metade, acabou não dando certo, pois as peças não encaixavam. Fomos falar com o Wanda, pois ela vazia parte do projeto de extensão, além do Professor Bezerra, que era da cartografia.

Emília de Rodat: Ao falar com ela, chegamos ao consenso que devia fazer na escala de 1:100.000. No entanto, quando chegamos na base do Piemonte da Borborema, não tinha mais o que fazer. Então, passamos para o semiárido, de modo que o meio do estado ficou incompleto. Nessa época, tinha um funcionário do departamento que eu adorava, era o Zé Renato. Ele trabalhava no Departamento de Cartografia, e já tinha trabalhado na engenharia do Exército, na área de cartografia. Na ocasião, disse para ele que tinha que fazer uma junção desses dois lados das cartas, através dos rios, trabalhando com a Carta do Brasil ao Milionésimo. Ele, então, disse que iria tentar. Após isso, fez e ficou perfeito! Quando ele terminou, a gente vibrou e fez uma festa, porque conseguimos fazer essa união.

A gente pretendia que ficasse um retrato daquela realidade que não existia em nenhum mapa em nenhuma carta topográfica no Brasil. Posteriormente, tivemos um problema, após tirar um mês de férias. No retorno, o chefe do departamento tinha me colocado numa outra sala, de modo que existia todo um clima contra mim, quando afirmavam que eu estava querendo usurpar do direito dos professores cartógrafos. Pois alegavam que eu queria aparecer numa área que não era minha, ocupando um espaço que não era meu. Eu sofri muito nesse período, porque fui muito maltratada. Eu fui muito maltratada ali! Ninguém entendia que eu estava fazendo aquilo, porque sentia necessidade

de fazer alguma coisa, para me realizar. Até então, não tinha nem a ideia de fazer um laboratório, mas quando eu mudei de sala, comecei a pensar em fazer um laboratório dessa sala. A sala estava horrível, porque quando trabalhamos com maquetes, é necessário trabalhar com pó de serra, cola e outros materiais. Então, nessa ocasião, sujaram as paredes e o chão. Na ocasião, precisávamos fazer uma reforma, e eu não tinha dinheiro. Então, eu resolvi bancar com meu próprio salário. Então, fiz toda a reforma na sala, pintei, envernizei, coloquei pranchas e terminamos a maquete. Foram dois anos de trabalho! Pedi para uma irmã de Ivan Targino, meu companheiro, que é artista plástica, para fazer todas as pecinhas que fossem representativas das formas de uso do solo, por região do estado.

Depois a gente foi trabalhar as Serras da Paraíba, localizando cada uma dentro das cartas topográficas. Depois, fomos localizar os açudes. Depois, Cacilda, que era funcionária do setor de cartografia, me deu a ideia de colocar uma fitinha na principal rodovia do estado da Paraíba, que é a BR 230, mostrando desde Cabedelo até Cajazeiras, totalizando uma distância de quatrocentos e oitenta quilômetros. Então, quando a gente terminou a maquete, o grupo de estagiários já era maior. Já tinha Ricardo, que hoje é advogado, tinha a esposa atual dele, a Gerlane, tinha Fátima, dentre outros. Tinha um grupo enorme! A gente montou, inclusive, trabalhando na minha casa. Após isso, montamos uma lógica pedagógica de visita ao LOGEPA.

Aquele mapa antigo da geologia do estado da Paraíba, que eu considero mais didático para crianças irem visitar o LOGEPA, porque apresenta as áreas sedimentares e cristalinas, e facilita a compreensão do estudante. Na época, os professor Magno e Werner me ofereceram algumas peças maravilhosas, que representavam a geologia do litoral, com rochas sedimentares, ígneas e metamórficas. Depois, vinha a parte paleontológica do estado. Nesse ponto, a gente também teve muita sorte, porque o José Rufino, o Zeca, indicou um livro que tinha as fotografias dos animais fósseis cujas peças ele tinha, e que haviam sido encontradas aqui na Paraíba. Então, a gente fez cópia daquelas fotografias e plastificamos, colocamos na parede.

Depois dessa visualização, a gente passou para a geomorfologia, onde trabalhamos com doações do Professor Paulo Rosa. Paulo foi uma pessoa muito pouco compreendida no departamento, as pessoas sempre jogavam uns contra os outros lá, mas eu queria muito bem a Paulo, porque Paulo sempre se lembrava do LOGEPA quando ele viajava. Foi ele que doou um mapa do relevo da Paraíba, eu acho que está lá até hoje, com todas as curvas de nível. Ele é bem antigo, mas muito didático e bom para trabalhar, porque é bem completo.

Terminando a geomorfologia, entramos nos chamados ecossistemas, onde Paulo também nos ajudou muito. Coloquei a Mata Atlântica, com espécies colhidas no próprio campus da UFPB, depois a mata de altitude, lá do brejo, com espécies da mata de Paus Ferros, lá em Areia. E, por fim, a Caatinga, cujas espécies foram trazidas por Paulo Rosa, das viagens que ele fazia. Depois disso, a gente colocou

uma série de fotografias de orquídeas típicas da Mata Atlântica, através de um painel assim do lado, e representamos a relação homem/natureza.

Na época, tiramos várias fotografias das cacimbas e dos rios secos do semiárido, e levamos isso para o laboratório, onde fizemos prateleiras para colocar essas peças. Em seguida, montamos uma amostra da geografia agrária do estado, mostrando o mapa do uso do solo, que tinha no meu atlas de geografia agrária, exibindo as concentrações dos produtos produzidos pela agricultura. Além disso, mostramos a distribuição dos conflitos de terra, dos assentamentos e como uma cerca separava o homem da terra. Finalmente, também representados todo o urbano, através da indústria, comércio, serviços e cultura popular. Através dessas representações, buscamos mostrar uma geografia onde o homem e a natureza não se separam.

Após tudo isso, fizemos a inauguração do LOGEPA, em 1998. Na ocasião, fizemos tudo isso de maneira muito simples, dentro da geografia, convidamos todo mundo, mas também tivemos uma reação muito forte do pessoal da cartografia, que dizia que eu estava querendo aparecer com esse trabalho. Eu não precisava aparecer. Eu precisava apenas fazer aquilo que sempre tive vontade. Na minha vida foi assim, nunca gostei de cozinhar, não cozinho. Nunca gostei de tomar conta de casa, nunca fiz. Nunca gostei de pregar botão em roupa de marido, nunca preguei. Agora, as coisas que me dão prazer, eu faço. Por exemplo, na véspera de ano novo, na minha casa, eu vou pra cozinha, passo o dia todo em cozinhando, faço comida pra tudo, não só pra minha família, mas pra os amigos. Quem quiser chegar na minha casa, tem comida, por quê? Eu adoro fazer. Eu sempre gostei de viajar, então sempre trabalhei para poder viajar. Nunca me preocupei com roupa, com sapato, com nada, mas viajar eu adorava. Então, desde novinha, juntava meu dinheirinho e ganhava o mundo. Então, desse modo, fazia aquilo ali por prazer, e não para ser melhor do que ninguém, nem aparecer na minha vida, porque a gente aparece com o trabalho. Independente de querer ou não, a gente aparece com o trabalho. E trabalho bom é um trabalho sério! Não precisa passar por cima de ninguém.

Saulo Vital: Professora Emília, eu gostaria de tecer alguns comentários também. Já expressei a honra de estar aqui entrevistando você. Além disso, gostaria de dizer o seguinte: fui extensionista da Professora Emília. O primeiro projeto de extensão que participei foi no LOGEPA. E eu posso dizer que a senhora sempre foi uma professora apaixonada pelo que faz, e isso sempre foi um grande exemplo para mim, porque eu cheguei aqui um jovem, de 19 anos, cheio de sonhos, e muitas vezes não tinha oportunidade de participar de um projeto de pesquisa, de um projeto de extensão. E a senhora foi a professora que me deu essa primeira oportunidade. Para quem não sabe, o meu primeiro projeto de pesquisa de extensão foi na área de Geografia Humana. Hoje eu trabalho na área de Geomorfologia, mas o início de minha atuação acadêmica foi com a professora Emília, na área de

Geografia Humana. E eu posso dizer que foi uma experiência muito boa para mim, porque a professora Emília sempre foi uma geógrafa, de fato. Inclusive, você vê pelas palavras da professora como ela trata com intimidade os termos da geografia física, o que não existe, muitas vezes, em alguns colegas da geografia humana. Parece que, para eles, a geografia física não é geografia. Mesmo tendo a especialidade dela na área de geografia agrária, lembro que a Professora Emília levava textos que ela mesma escrevia, na área de geografia física, como um material de apoio, tendo em vista que essa parte de geografia, principalmente da Paraíba, era muito escassa.

Eu lembro até o que a senhora disse, na época, que estava escrevendo um livro sobre Geografia Física da Paraíba. Eu acredito que, por conta dos percalços e de tantos afazeres, talvez não tenha se concretizado, mas se a senhora estiver com esse projeto ainda e precisar da minha ajuda, estamos à disposição. Eu acho que nós precisamos, sim, desse material riquíssimo. E a Professora Emília sempre escreveu, tanto na área da Geografia Física quanto na área da Geografia Humana da Paraíba. Ela é autodidata nessa área de Geografia Física. Alguns colegas, como o Professor Magno, por exemplo, sempre lhe elogiaram, por ser essa profissional que sempre tratou dessa relação sociedade-natureza. Então, professora, gostaria de aproveitar esse momento para agradecer-lá pela oportunidade de ter sido seu extensionista. Eu acho que eu passei mais de um ano no LOGEPA. Lembro-me de vários amigos que fizemos lá.

Hoje, o LOGEPA é um laboratório de referência no nosso departamento, e na universidade também, principalmente a partir dessa maquete que chama tanta atenção. Quando eu cheguei no primeiro período aqui, em 2005, nos apresentaram o LOGEPA, e eu fiquei maravilhado com aquela maquete. Até hoje é um recurso muito didático. Por mais que tenhamos avançado bastante tecnologicamente, havendo várias possibilidades, como o Datashow, até aquelas maquetes digitais tridimensionais, a maquete de isopor resiste ao tempo, como um recurso didático palpável, até melhor e mais fantástico. Temos a oportunidade de ver ali o território da Paraíba como um todo, seu relevo, seus aspectos humanos e físico-naturais. Até hoje existe, no LOGEPA, esse trabalho de trazer escolas para conhecer a maquete e ter aula nela. E eu aprendi muito sobre Geografia da Paraíba em cima daquela maquete. Então, gostaria de agradecer à senhora, e dizer que, realmente, tudo que a senhora fez foi por paixão, foi por amor à geografia. E eu acho que é isso mesmo, professora. Quando a gente faz aquilo que a gente gosta e põe amor e põe carinho naquilo que a gente faz, não precisa querer aparecer, a gente aparece naturalmente, por conta do nosso trabalho, como a senhora falou. Então, acho muito importante a gente ter sempre esse amor, essa paixão pelo que a gente faz.

Professora, já se aproximamos do final. Eu gostaria de deixar essa fase final, para que a senhora possa falar um pouquinho mais sobre como foram os anos após a fundação do LOGEPA. Quais foram seus principais projetos e os momentos mais marcantes no LOGEPA?

Emília de Rodat: Depois de fundar o LOGEPA, construímos um processo de articulação com as escolas públicas. Então, começaram as visitas das escolas públicas e privadas. As privadas, pagavam uma pequena taxa de cinquenta centavos por aluno, depois passou para um real. Com esse dinheiro, nós pagávamos os estudantes que não tinham bolsa, que recebiam 20 reais por hora de trabalho para atender as crianças. Na época, não tínhamos muitas bolsas, eram duas a quatro no máximo. Uma das coisas que mais me chamou a atenção, foram alunos de escolas públicas de periferia, como, por exemplo, alunos de escolas públicas de Jardim Veneza, por exemplo, que davam depoimento da história de vida deles, alguns catavam latinhas com os pais, para sobreviver.

Nós produzíamos materiais com eles, por exemplo, quebra-cabeças, desenhos, dentre outras ações, que eram adaptadas para todos os níveis de idade. Com os alunos mais velhos, a gente trabalhava com música e teatro, por exemplo. Na oportunidade, levávamos para a salinha de pesquisa que ficava ao lado, e lá planejavamos o tema e a apresentação deles. Levantávamos questões, como: Por que o trabalhador do campo migra para São Paulo? Explicávamos que tinha o dono da terra, o camponês e, lá em São Paulo, o empregador. Dessa forma, tinha todo um trabalho nesse sentido que terminava com a música sobre a migração, Asa Branca. Era uma coisa linda!

Eu treinava com eles a forma como deviam apresentar. Quando meus estudantes iam dar aula, não o faziam sem antes eu orientar. Eu fiz um curso pedagógico na Escola de Formação de Professores, que me deu toda uma base pedagógica e toda uma base de didática, que, hoje, na minha opinião, carece na maioria dos professores. Ele tem o conhecimento do conteúdo, mas não tem da didática e a pedagogia.

Além disso, outras coisas também me tocaram o coração. Um deles foi um projeto desenvolvido com os trabalhadores da construção civil, numa articulação com o projeto Zé Peão, que era um projeto de extensão famoso aqui da Universidade Federal da Paraíba. Então, durante seis meses, eu e meus bolsistas articulamos o Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil, daqui de João Pessoa, e o projeto Zé Peão, e fizemos todo um trabalho nesses três canteiros de obra. Eram cerca de oitenta trabalhadores. Na oportunidade, construímos suas respectivas trajetórias migratórias, a história de vida e transformamos isso numa maquete. Foi algo fantástico! Eles ficaram encantados e a gente mais ainda. No processo, descobrimos como eles eram capazes de fazer maquete, baseados prática de trabalho deles na construção civil. Impressionante! Essa foi uma experiência muito rica, um projeto muito rico!

Um outro projeto muito interessante, foi aquele desenvolvido com a Pastoral do Migrante. Também, na época, o Ari era padre, que trouxe a equipe da Pastoral do Migrante para receber um curso de extensão dentro do laboratório. Foi uma experiência muito rica, porque mostramos os aspectos geográficos da Paraíba para eles, e eles mostraram as suas experiências para nós. Na ocasião,

construímos algumas revistas. Uma delas, para crianças, outra para professores de Ensino Fundamental I, que era chamada de Conhecendo a Paraíba, só teve um número. Depois, construímos três séries. A série Pesquisa, a série Monografia e uma outra série que não me recordo o nome no momento. Isso pois pensávamos em construir um mestrado, e o departamento não tinha nenhuma revista. Havia existido um boletim de geografia há muitos anos, mas não existia mais nada.

Na ocasião, eu tirava cópias das revistas e dos textos na minha impressora em casa, passava horas e horas tirando compras naquelas impressoras antigas. Então, tivemos a sugestão de transformar as três em uma só, que se transformou na Okara.

Outra coisa interessante, é que a gente começou a receber alunos dos cursos superiores da Universidade Federal da Paraíba de Cajazeiras a João Pessoa. Lembro-me que, em um ano, recebemos cerca de 3.500 estudantes naquela sala. Praticamente sem divulgação. A gente só divulgou uma vez pela televisão e mais nada. Era boca a boca mesmo.

Nesse processo muitas coisas e vivi muitas experiências interessantes. Lembro-me de uma senhora, aluna de Catingueira, de uma escola de formação de professores, que foi chegando e dizendo: cadê a minha serra, a serra da Catingueira? Cadê a minha serra? Eu quero ver a minha serra. E eu descobri a serra dela, de modo que fui até lá em uma oportunidade. Ela fica entre Itaporanga e Patos.

Também aprendi muito foi com o pessoal da engenharia. Eles vinham dar aula de construção de estradas, e mostravam a influência do relevo na construção da própria BR-230. De modo que tivemos uma quantidade enorme de projetos com eles. Projetos com camponeses nas áreas de assentamento, nas áreas de conflito, juntamente com a CPT (Comissão Pastoral da Terra), com o MST (Movimento Sem Terra). Muitos trabalhos também foram desenvolvidos na área urbana, trabalhando, também, com apoio às periferias. Então, minha época foi um período muito rico e muito exaustivo de trabalho pesado. Depois de mim, vários outros professores assumiram e deram conta de um trabalho diferenciado. Por exemplo, Fátima Rodrigues fez um trabalho lindo com projetos que ela conseguiu para as áreas de assentamento aqui da Paraíba, inclusive para a feira agroecológica aqui da universidade. Ela conseguiu muito recurso, e foi através do LOGEPA, com seus bolsistas. Ela implementou projetos interessantíssimos de extensão aqui no estado e nas áreas de assentamento, juntamente com a CPT.

Além de Fátima, teve Lígia, que também elaborou alguns projetos, eu não me lembro, mas eu acho que era com a Mata Atlântica. Teve, que eu me lembre, a Cristiane, que deu uma vida danada ao LOGEPA recentemente, e retomou o Logepa de uma forma muito dinâmica, tornando-o mais visível, porque ele estava muito morto. E agora, o Joel, que eu sei que está fazendo articulações com vários laboratórios.

Atualmente, estou com doze projetos. Um projeto que trata da construção de acervo popular da luta pela terra na Paraíba, partindo das ligas camponesas até a luta camponesa atual. Trata-se de um acervo de memória e documentação, onde nós estamos utilizando uma metodologia de computação, através da elaboração de um programa, que vai armazenando toda documentação do acervo da CPT, do nosso acervo e de outras pessoas. Os dados tratam da sobre as ligas, sobre cada luta pela terra, sobre cada conflito, sobre cada assentamento, sobre toda a história dos sindicatos, o sindicato dos padres, sindicato de oposição, dentre outros. Além disso, vamos trabalhar os quilombolas e a luta indígena. É um trabalho de formiguinha, sobre o qual tenho me dedicado demais, mas tenho sofrido por conta da artrose, de forma que não posso ficar muito tempo sentada, mas estou fazendo aos poucos.

Também pretendo fazer também o acervo de Frei Anastácio, que já deixou a documentação dele todinha aqui comigo, e sobre a qual quero trabalhar, através de um livro ou artigo sobre os guerreiros e as guerreiras, os justiceiros e as justiceiras e os santos e as santas na luta pela terra na Paraíba. Vou começar por Anastácio, Marlene, Albertina, Irmã Antônia, os advogados e advogadas, da Luta pela Terra, Socorro Borges, Socorro Batista, lá de Itabaiana, Zuza, que era presidente do sindicato lá de Itabaiana também. Tenho quase trinta anos de entrevistas feitas com esse povo, tanto para o acervo, como para um possível livro ou artigo.

Este acervo vai ficar no Memorial das Ligas Camponesas, porque eu criei lá o Centro de Documentação e Memória do Memorial das Ligas e das Lutas Camponesas na Paraíba. Já está criado, tem sala própria, com todos os equipamentos, computador, impressora, mesa e outros. Lá vai ficar a sede desse acervo. Eu vou propor a Joel, uma parceria com o LOGEPA, para a gente depositar esse acervo lá também, num terminal.

Saulo Vital

Professora Emília, iria indagá-la justamente sobre isso: como é que estão seus projetos atuais, e como é que está a Professora Emília, hoje, na geografia.

Emília de Rodat: Agora é mais aos netos. Eu faço pesquisa durante a semana, mas fim de semana eu não existo, eu sou vó.

Saulo Vital: Sim. Já trabalhou muito, professora. Eu lembro da Professora Emília aqui. Ela era sempre era muito ativa. Lembro-me do SEMILUSO, onde tive a primeira oportunidade de trabalhar como monitor. Essas experiências sempre são muito boas, de estar movimentando os alunos, dar esse tom acadêmico, esse universo acadêmico. Porque a Professora Emília era uma das professoras que fazia isso aqui. Também gostaria de ressaltar que o Professor Joel está fazendo um excelente trabalho

de continuação e resgate desse legado da Professora Emília. Eu também tive a honra de estar à frente da revista Cadernos do LOGEPA. Professora, gostaria de aproveitar esses minutos finais para abrir o espaço para suas considerações finais.

Emília de Rodat: Obrigada, Saulo, mais uma vez, meu ex-aluno querido. Hoje, meu continuador, Professor do Departamento de Geociências. É um prazer tão grande ver vocês trabalhando, recuperando o que nós começamos e dando uma nova cara ao que nós começamos. Estou muito feliz por vocês. E quero agradecer a participação nesse podcast, e dizer que sonhar é algo que a gente nunca deve deixar de fazer. Eu vivi minha vida sonhando, sonhando com coisas a realizar. Eu sonhei com uma família de seis filhos. Consegui dois só, mas sonhei. Sonhei com o meu fazer acadêmico, sem precisar de ficar dependendo de articulações com A ou com B. Eu fui descoberta como profissional pelo meu trabalho. Eu me lembro que eu escrevia meus relatórios para o CNPq, de pesquisa, inclusive fui a primeira professora do Departamento de Geociências como pesquisadora do CNPq e com auxílio pesquisa do CNPq em 1984, com dois primeiros bolsistas do Departamento de Geociências. E fui a única bolsista do CNPq que chegou a nível 1 do CNPq, e renunciei em 2013, porque minha filha teve um AVC, e eu preferi deixar de lado tudo o que estava fazendo para me dedicar a ela. Eu era pesquisadora 1 do CNPq, e era do departamento, foi a única até então. Então, isso não foi com o objetivo de ser estrela, não. Aconteceu sem eu pedir. Aconteceu sem eu saber. Eu cheguei ao pesquisador e eu não sabia, não tinha noção. Alguém me avisou, porque eu não sabia. O reconhecimento apenas do meu trabalho. O meu trabalho, aqui dentro do departamento, como formiguinha, só com os alunos, dentro daquela minha sala, só eu sei o que passei a minha vida toda trabalhando, o máximo, com meus alunos. Meu trabalho no Núcleo de Saúde Coletiva, onde eu trabalhei com saúde coletiva, com meus colegas, que são até hoje meus amigos. Meu trabalho no NIDI, com o grupo do NIDI, que também foi muito importante na minha vida, aprendi demais com esse povo. Sobretudo no NESCE, onde eu aprendi muito com meus colegas. E aí, o que eu quero dizer para vocês é que a gente nunca sabe tudo. Que nunca digam que sabem alguma coisa. Como eu digo para meus alunos, nunca digam que sabem. Estejam sempre abertos a aprender. Eu não sei nada. Todos os dias eu estou aprendendo algo novo. Até com vocês mais novos, eu tenho aprendido tanta coisa. Por quê? Porque o saber é algo que se multiplica e que vai ao longo do tempo. Então, a gente não tem como dizer, eu sei. Porque o sei de ontem não é o mesmo sei de hoje, apesar do conteúdo ser o mesmo. Mas as coisas mudam. E a outra coisa que eu digo sempre para meus alunos, nunca sejam eu, sejam nós. Porque o saber, ele não é teu. Quando tu fazes uma tese, quando tu fazes um trabalho, tu te apoias no que os outros já fizeram. Se não tiver uma bibliografia anterior, tu não vais fazer teu trabalho. Se não tiver uma experiência anterior, tu também não vais conseguir fazer uma comparação.

Então, o teu trabalho é fruto do trabalho de terceiros. E, tu não podes esconder teu trabalho em cima dele, com medo que outros copiem. Porque o teu trabalho vai valer para os outros, vai ser muito importante para os outros. Então, sejam nós, não sejam eu. A solidariedade é tudo na academia e é tudo na vida. E é por isso que eu acho que, junto com meus estudantes, apesar de todo o problema que eu tive dentro do departamento, sem saber por que, só vim saber depois, faz uns 8 ou 10 anos que eu vim saber coisa da minha juventude ainda, da minha adolescência, e que eu paguei um preço enorme. Mas eu quero te dizer claramente que o que eu fiz com meus alunos foi dedicar minha vida a eles. Eu não me interessei em nenhum momento em ser mais do que eles, mas em que eles fossem mais do que eu. E hoje eu tenho resultado aí. Vocês estão aí, todos, trabalhando nas universidades, no Estado, como pessoas que cresceram, se desenvolveram e estão praticando na prática, na práxis, aquilo que eu ensinei. Sempre o nós, não o eu, a solidariedade acima de tudo e nunca saber, nunca dizer que sabe tudo. Obrigada.